

Discussão/Conclusão: Como cada região apresenta especificidades quanto à população e os fatores de saúde, deve-se compreender que os dados que caracterizam uma população podem não caracterizar outra. Nesse sentido, os dados aqui coletados apresentam as especificidades de uma população e podem não ser aplicáveis a indivíduos avaliados em outros locais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101233>

EP-156

AVALIAÇÃO DA FIBROSE HEPÁTICA PRÉ E PÓS TRATAMENTO PARA HEPATITE C EM PACIENTES COINFECTADOS HCV/HIV POR MÉTODOS NÃO INVASIVOS

Deise Machado dos Santos, Lara Carolina Peixoto Quiche, Luiz Felipe Gehres, Mariana Borges, Tchurle Hoffmann, Nayle Maria Oliveira da Silva, Leandro Farias, Flávio Manoel Rodrigues da Silva Júnior

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Introdução: O vírus da hepatite C (HCV) e o vírus da imunodeficiência humana (HIV) apresentam fatores de risco e rotas de transmissão similares, o que contribui para a prevalência de coinfeção de até 90% em grupos de risco. A coinfeção HCV/HIV acelera a progressão da fibrose hepática e está associada à cirrose e hepatocarcinoma. A introdução dos agentes antivirais de ação direta (DAA) no tratamento da hepatite C alterou o curso evolutivo da fibrose hepática. Avaliação correta dos graus de fibrose é fundamental para o tratamento, a classificação errônea pode subestimar graus avançados ocorrendo falhas terapêuticas. Os métodos APRI e FIB4 são mais utilizados, porém não têm elevada acurácia como a elastografia (?98%), sendo este o melhor método não invasivo para estadiamento desses pacientes, obtendo assim, maiores taxas de RVS.

Objetivo: O trabalho objetiva comparar o grau de fibrose hepática, por meio da elastografia hepática e dos escores APRI e FIB4, pré e pós tratamento da hepatite C com os DAA.

Metodologia: O presente trabalho faz parte de um estudo de coorte com coinfectados HCV/HIV no período de março de 2016 a setembro de 2019; até momento 22 pacientes constituem a amostra. O grau de fibrose hepática pré e pós tratamento foi avaliado pela elastografia hepática, APRI e FIB4.

Resultados: Na avaliação pré-tratamento, obtivemos os valores pelo APRI: F0/F1: 40,9%, não é possível determinar fibrose: 36,4% e F3/F4: 22,7%; para o FIB4: F0/F1: 40,9%, não é possível determinar fibrose: 40,9% e F3/F4: 18,2%. Na elastografia: F1: 50%, F2: 13,6%, F3: 18,2% e F4: 18,2%.

Na avaliação pós-tratamento, obtivemos os valores pelo APRI: F0/F1: 68,2%, não é possível determinar fibrose: 27,3% e F3/F4: 4,5%. Para FIB4: F0/F1: 50%, não é possível determinar fibrose: 40,9% e F3/F4: 9,1%. Na elastografia: F1: 63,7%, F2: 13,6%, F3: 4,5% e F4: 18,2%.

Discussão/Conclusão: Através dos resultados obtidos podemos observar uma possível regressão fibrose hepática, avaliados pelos métodos APRI, FIB4 e elastografia hepática, pós

tratamento com os DAA. Também é possível verificar que a elastografia hepática se mostrou mais acurada em relação ao APRI e FIB4 nos extremos de fibrose (F0/F1 e F3/F4), sugerindo discrepâncias entre as análises de fibrose entre os métodos, com possíveis repercussões clínicas nas formas de tratamento e acompanhamento desses pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101234>

EP-157

ANÁLISE DAS DIFERENÇAS REGIONAIS E TENDÊNCIAS TEMPORAIS DA INFECÇÃO PELO VÍRUS HBV BASEADA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE

Giuliano Grandi, Luis Fernandez Lopez, Marcelo Nascimento Burattini

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Hepatites virais são problemas mundiais de saúde pública. Em 2016, a OMS definiu na Agenda para Desenvolvimento Sustentável 2030 a meta de reduzir em 90% as hepatites crônicas e em 65% a sua mortalidade. Grande ênfase foi dada ao desenvolvimento de sistemas de vigilância em saúde e na análise de dados. No Brasil, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) centraliza os dados dos casos de Hepatites virais, contribuindo para o planejamento estratégico do combate às hepatites alinhado à meta da Agenda 2030. Das hepatites crônicas, metade dos casos é HVB e metade HVC.

Objetivo: Analisar as diferenças regionais e a tendência temporal dos casos notificados de Hepatite B ao SINAN no período de 2007 a 2018.

Metodologia: Classificar os casos notificados de Hepatite B pelos marcadores sorológicos; analisar as diferenças de idade de primeira infecção por região, gênero e grupo etário, bem como diferenças na taxa de detecção anual.

Resultados: Entre 2007 e 2018 foram notificados 487.180 casos de Hepatite B, dos quais 48,65% puderam ser classificados pelas definições oficiais e 97,5% pelas definições propostas neste estudo, porém mantendo alta correlação com a classificação oficial. Entre 2007 e 2018 a taxa de detecção geral permaneceu constante, porém com queda nas idades abaixo de 29. Para os maiores de 40 anos, aumentaram os casos de Hepatite B Crônica no período. Há grande heterogeneidade na distribuição de HBV entre as macrorregiões brasileiras, com as maiores incidências ocorrendo na região Norte. Além disso, as mulheres são infectadas em idades mais jovens do que os homens, principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Discussão/Conclusão: A distribuição temporal e etária dos casos de hepatite B entre 2007 e 2018 demonstra o efeito do programa brasileiro de vacinação contra HBV. As diferenças regionais por gênero refletem os comportamentos sexuais distintos das populações brasileiras nas diversas regiões do país.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101235>

